



Carta de Descartes a Beeckman

Amsterdã, 17 de outubro de 1630¹

É costume dos filósofos, e mesmo dos teólogos, toda vez que querem mostrar que repugna à razão que algo aconteça, dizerem que nem mesmo por Deus aquilo pode ser feito; não nego que esse modo de dizer, segundo a compreensão da minha inteligência, pareça um tanto audacioso; por essa mesma razão, para que eu fale mais modestamente, se algo semelhante me acontece (e pode acontecer com mais frequência em assuntos matemáticos que nos filosóficos), o que outros diriam que não pode ser feito por Deus, eu digo somente que não pode ser feito por um anjo.

Carta de Descartes a Arnauld

29 de julho de 1648²

Parece que a dificuldade de reconhecer a impossibilidade do vácuo origina-se, primeiro, do fato de que não consideramos suficientemente que o nada não pode ter nenhuma propriedade; além disso, de fato, vendo que nesse espaço, a que chamamos vácuo, há uma verdadeira extensão e, conseqüentemente, todas as propriedades que se requerem à natureza do corpo, não diríamos que isso seja um completo vácuo, isto é, um puro nada; em segundo lugar, do fato de que recorremos ao poder divino, ao qual, sabendo que é infinito, sem nos atentarmos, atribuímos um efeito que envolve contradição no conceito, isto é, que não pode ser concebido por nós. A mim não parece, contudo, que de alguma coisa alguma vez se deva dizer que ela não possa ser feita por Deus; pois, já que toda razão do verdadeiro e do bom depende de sua onipotência, nem mesmo ousa dizer que Deus não possa fazer com que o monte exista sem o vale ou que um e dois não sejam três; mas digo apenas que ele me atribuiu uma mente tal que não possa ser concebido por mim um monte sem vale ou uma soma de um e dois que não seja três etc, e que tais coisas implicam contradição no meu conceito. Penso que o mesmo deva também ser dito de um espaço que seja um completo vácuo, ou de um nada que seja extenso e da universalidade das coisas que seja limitada. Porque nenhum término do mundo pode ser imaginado, além do qual eu não entenda haver extensão; nem também posso conceber um pote de tal modo vazio que não haja nenhuma extensão em sua cavidade e, conseqüentemente, nele também não haja corpo; porque onde quer que haja extensão, aí também há, necessariamente, corpo.

1 (B Let 165; AT I 165)

2 (B Let 2581; AT V 223-224)

Carta de Descartes a More

Egmond-Binnen, 5 de fevereiro de 1649³

Mas, facilmente, admites que nenhum vácuo dá-se naturalmente. O que te preocupa é a potência divina, a qual julgas poder retirar tudo o que há em algum vaso e, ao mesmo tempo, impedir que os lados do vaso se reúnam. Eu, de fato, como sei que meu intelecto é finito e a potência de Deus, infinita, nunca delimito nada sobre ela, mas considero, ao menos, o que possa ser percebido ou não por mim e, diligentemente, cuido para que nenhum juízo meu divirja da percepção. Por isso, afirmo, audaciosamente, que Deus pode tudo o que percebo ser possível; porém, cautelosamente, não nego que ele possa o que repugna ao meu conceito, mas digo apenas que implica contradição. Assim, uma vez que vejo repugnar ao meu conceito que todo corpo seja retirado de algum vaso e, dentro dele, permaneça a extensão, que é por mim concebida do mesmo modo como antes era concebido o corpo nele contido, digo implicar contradição que tal extensão aí permaneça depois de retirado o corpo e, por isso, os lados do vaso devem juntar-se. O que é inteiramente consoante com as minhas outras opiniões: digo, pois, num outro lugar, que nenhum movimento dá-se a menos que seja, de algum modo, circular, donde se segue que não se entende distintamente que Deus retire algum corpo do vaso sem que, ao mesmo tempo, entenda-se que, no lugar dele, outro corpo ou os próprios lados do vaso sucedam-lhe por movimento circular.

Tradução dos trechos por Fábio Baltazar do Nascimento Júnior
e Lucas Nogueira Borges (UFU).

Nota

Os três trechos traduzidos, que cobrem um longo período, de 1630 a 1649, mostram que Descartes manteve, desde que lhe ocorreu a teoria da criação das verdades eternas até o fim de sua vida, cautela quanto à atribuição de limites ao poder divino. A Beeckman, já em 1630, Descartes mostra-se consciente de que a “compreensão” de sua inteligência não alcança o infinito relacionado ao que Deus pode fazer. Em julho de 1648 e, um pouco mais tarde, em fevereiro de 1649, Descartes explicita que a compreensão pela nossa inteligência tem, de fato, limites que nos parecem claros, como a impossibilidade de pensar o que nos parece contraditório (no caso, para Descartes, atribuir extensão ao vácuo seria contraditório), mas que esses limites não são, necessariamente, também limites para o poder de Deus.

Descartes indica, portanto, que a razão não autoriza que raciocinemos de uma impossibilidade *quoad nos* para uma impossibilidade *in se*. Dava-se comumente este passo na metafísica escolástica. Tomás de Aquino explicava, na *Summa Theologica* (quaestio 25, art. 3), que a onipotência de Deus estaria restrita ao limite do absolutamente impossível segundo Aristóteles, isto é, ao impossível como qualquer coisa que implique contradição. Descartes aceita a premissa de que Deus não poderia fazer o absolutamente impossível, mas, ao mesmo tempo, prefere não afirmar que o limite do possível coincida com os limites do pensável por nós, como faziam Aristóteles e Tomás de Aquino, de modo que o absolutamente impossível torna-se, segundo Descartes, incognoscível.

Nota por Fábio Baltazar do Nascimento Júnior (UFU).

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

3 (AT V 672-673; B Let 2618)